

# CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 24

Elton Salimanta  
Zé Caradúzia





Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



**Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann**  
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

**Coordenação Editorial: Mônica Kanitz**

**Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas**

**Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes**

**Transcrição de Partituras: Michel Dorfman**

**Revisão: Dione Detanico Busetti**

**Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga**

**Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico**

**Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto**

**Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga**

**Fotografias das Capas: Nilton Santolin**

**Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais**

**e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga**

**Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago**



**Coordenação Gráfica: Rossir Berní - Editora Alcance Ltda.**

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

[www.editoraalcance.com.br](http://www.editoraalcance.com.br) / e-mail: [alcance@editoraalcance.com.br](mailto:alcance@editoraalcance.com.br)

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Silvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



## Elton Saldanha

**É** voz corrente que quantidade e qualidade são incompatíveis quando se trata de arte. Pois o guri de Itaquí prova o contrário. Desde que se teve por gente gostava de cantar para os humildes peões que passavam pelo bolicho do pai. Era uma gente rural, acostumada ao gado e à lavoura, bem diferente do povo dos grandes centros urbanos que, anos mais tarde, ele também conquistaria. Ainda pré-adolescente, já havia decidido ser aplaudido por suas cantorias, só precisava descobrir como. Foi um longo caminho até vislumbrar as luzes da enorme Porto Alegre numa noite de chuva. Descer da carona do caminhão e encontrar abrigo. Procurar emprego. Um lugar para tocar. Mas tocar o quê? Bem, por muito tempo esta pergunta esteve presente na vida de Elton. Mesmo quando ele já era o Elton Saldanha, ganhador de vários festivais. Não conseguia entender, por exemplo, por que as músicas mais populares não eram bem aceitas pelos organizadores e jurados dos festivais. Aquilo não condizia com as canções animadas, destinadas a "limpar banco" nos bailes, que lhe brotavam da imaginação aos borbotões e materializavam-se naturalmente à sua frente. Foi lá pelo fim dos 80, início dos 90, que decidiu chutar o balde. Podiam todos estar certos ou errados, mas a sua estratégia pessoal haveria de vingar. Dito e feito. Observou que os festivais cada vez mais desgastavam-se pela repetição das fórmulas. Quem estava mesmo cantando para o povo eram os conjuntos de baile. Sem disputar espaços em festivais ou mesmo na mídia, estes grupos faziam contato direto com o público pelas estradas empoeiradas do interior. Apostou ali as suas fichas.

Apesar de ser, então, um dos maiores vencedores de festivais da história do Rio Grande do Sul, decidiu abastecer conjuntos com as dezenas de músicas bailáveis que fazia (e faz) todos os meses. Também não queria saber se eram bons ou maus conjuntos. Qualquer um (mas qualquer mesmo) poderia gravar uma música sua sem ter que pagar adiantamento ou dar qualquer tipo de explicação. A ele interessavam apenas os direitos autorais por execução e percentuais de tiragem vendida. Acertou em cheio. Chega ao final do século XX, com quase mil músicas gravadas. É o mentor de vários conjuntos, que ganham a vida baseados em seu repertório. E ele? É provavelmente o maior arrecadador de direitos autorais da música regional. E quem diz que a qualidade de seu trabalho caiu com isso? Pelo contrário. Quanto mais produz e vê resultados, mais inspirado fica.

Em 1998, a gravadora USA Discos quis fazer um disco com seus maiores sucessos: precisaram fazer três e um DVD, e ainda faltou espaço. Ele mesmo diz que *"só a Castelhana enriqueceu muita gente"*. Quem conhece Elton sabe que ele não é rico, pelo menos não no sentido financeiro. Tem, sim, uma vida estável. Ele tem um tipo de riqueza cobiçada por muita gente, uma riqueza de criatividade que se traduz em música que sai pelo ladrão, além de um prazer imenso em ver a alegria do povo que canta e dança suas músicas sem, muitas vezes, saber que são dele.



## Cronologia Biográfica:

Elton Benício Escobar Saldanha

## Elton Saldanha

Elton venceu mais de vinte festivais, entre outras duas centenas de premiações (na maioria Canção Mais Popular). Incluiremos neste texto somente as mais significativas para o compositor. Também omitiremos as gravações de suas composições por terceiros, por ser ele um dos compositores mais gravados da história da música gaúcha. São aproximadamente 950 títulos incluídos em discos de outros músicos.



Elton na 7ª Coxilha Nacional, em 1987.

**1955** - Nasce a 21 de julho, na periferia de Itaqui (RS). Filho de Artêmis Barbosa Escobar e Nelson dos Santos Saldanha, que lidava com lavoura de arroz e era proprietário de um bolicho na entrada da cidade, onde os peões deixavam os cavalos para não entrarem montados no centro. Elton teve a infância povoada de lides campeiras e guarda vivas lembranças das constantes peleias em frente ao bolicho do pai.

**1957** - Escutava empolgado as cantorias dos peões e tentava imitar em um violão de brinquedo. Aos oito

anos, encomenda a um tio marceneiro um violão artesanal. Neste instrumento rudimentar (que ajudou a confeccionar), encordoado com linhas de pesca, compõe a primeira música (com dois acordes) que exibia orgulhoso aos tropeiros.

**1963** - Ingressa no primário da Escola Estadual Tito C. Lopes. Dois anos depois, seria expulso por indisciplina, o que ocorreria também na escola seguinte.

**1967** - Um violeiro chamado "Nego 60", não podendo pagar uma dívida com o pai de Elton, dá-lhe um violão que, por pressão da mãe, fica com o guri. O Seu Nelson, homem austero, detestava violeiros.

**1968** - Expulso do ginásio por indisciplina.

**1969** - Torna-se popular em Itaqui, tocando em serenatas e onde mais pudesse, fosse em festas da igreja ou na zona do meretrício.



Seu primeiro festival em Itaqui, em 09.01.76.

**1970** - Integra a banda de rock "Os Terríveis", tocando guitarra e cantando o repertório em inglês e espanhol da banda (ou tentando, pelo menos).

**1971** - Vence um festival estudantil em Itaquí, interpretando *Olê, Olá* de Chico Buarque.

**1972** - Por influência da Califórnia da Canção de Uruguaiana, Itaquí realiza seu próprio festival. Elton vence com composição gauchesca de sua autoria, repetindo o feito no ano seguinte.

**1975** - O Festival Itaquense torna-se aberto a todos os gêneros musicais. Participando, Elton começa a entrar em contato com músicos profissionais de vários lugares.

**1976** - Empolgado, participa do Festival Estudantil de Três de Maio (vencido por Mário Barbará). Senta praça na cavalaria, desertando vinte dias depois. \*

**1977** - Tira segundo lugar no Festival de Música Carnavalesca de São Borja, onde trava amizade com Apparício S. Rillo e Barbará. Participa da Califórnia de Uruguaiana com composição própria.

**1978** - Sentindo-se artista e sem espaço no interior, parte para Porto Alegre de carona de caminhão. Só conhecia o gaitero Antão Barros de Canoas; a muito custo, o encontra.

**1979** - Com a ajuda de um irmão, estabelece-se em uma pensão no centro de POA. Através de Juarez Bitencourt (violinista do 35 CTG), começa a tocar em alguns lugares. Conhece José Cláudio Machado que o leva para tocar em show no Teatro de Câmara e consegue-lhe emprego como músico no restaurante La Cabanha.



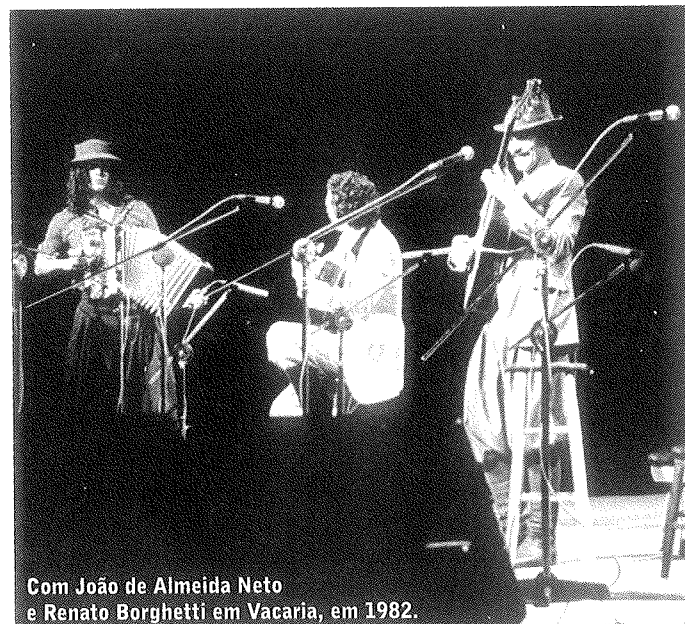
Primeira apresentação em P. Alegre, no Barco Cisne Branco, em 09.01.76, com Juarez Bitencourt ao violão.

**1980** - Começa a tocar em restaurantes e churrascarias, apresentando-se freqüentemente nas penhas folclóricas do 35 CTG.



**1981** - Com o surgimento do Bar e Restaurante Pulperia (na Travessa do Carmo), passa a ser o produtor musical da casa. Participa da I Coxilha Nativa de Cruz Alta com *Bailanta do Tio Flor*. Mesmo sem obter qualquer premiação, a música, em homenagem ao restaurante temático Recanto do Tio Flor (av. Getúlio Vargas/POA), torna-se sucesso, popularizando seu estilo bailável.

**1982** - Vence, acompanhado por João de Almeida Neto e Renato Borghetti, o Festival do Rodeio de Vacaria, com a música *Gaita e Guitarra*. Surgem festivais nativistas em profusão pelo interior do RS. Elton participaria de todos, vencendo ou obtendo premiações significativas.



Com João de Almeida Neto e Renato Borghetti em Vacaria, em 1982.

**1983** - Participa do show coletivo "Ativo Nativista" junto a grandes nomes do gênero. Este show, produzido por Juarez Fonseca, seria o primeiro grande evento nativista promovido em Porto Alegre.



**1984** - Vence a Coxilha de Cruz Alta com *Polca de Relação*. Representa o Brasil (junto com Luiz Carlos Borges) no Festival Nacional del Folclore de Cosquin (Argentina).

**1985** - Lança seu primeiro disco solo, *Caborteiro Coração*, pela RBS/Som Livre. Participa como ator do seriado "O Tempo e o Vento", da Rede Globo. Isto com certa mágoa, porque em princípio, havia sido selecionado, entre centenas de candidatos, para o papel principal (Capitão Rodrigo). A Globo, percebendo as possibilidades comerciais, acabou escalando Tarcísio Meira.



**1986** - Vence a Categoria Galponeira da VI Seara de Carazinho com canção própria e o Festival Primavera do Canto Xucro (Caxias do Sul) em parceria com José Hilário Retamozo.

**1987** - Vence o Musicanto de Santa Rosa com *Bagualla*. Assume a presidência do IGTF (Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore). Passa a apresentar o programa "Fandango", da TVE (em rede nacional), ficando por três anos no ar.

**1988** - Vence a Califórnia de Uruguaiana com *Toada de Mango*. Vence o Serra, Canto e Cantiga (Veranópolis), com a canção *Lá na Serra* (em parceria com Nico Fagundes). Preside a banca julgadora da OMB/RS para música regional. Lança o segundo disco, *Aldebarã*, pela gravadora Discotteca.

**1989** - Vence novamente a Califórnia com *Mandala de Esporas*. Vence a Tafona de Osório com *Cantador do Litoral* (parceria com Luiz Carlos Borges). Vence novamente o Festival de Veranópolis com *Amar, Amor* (parceria com Ivan Terra). Representa o Brasil no Festival Internacional de Folclore da Guiana Francesa, junto com Luiz Carlos Borges, Nico Fagundes e Daniel Torres.

**1990** - Recebe o Troféu Destaque da Década entre outros doze artistas e personalidades do RS. Premiado com Canção mais Popular e terceiro colocado na Moenda da Canção de Sto. Antônio da Patrulha, com a canção *Pampeanas*, em parceria com Vaine Darde. Participa da Criação do Grupo Cavaleiros da Paz que passa a visitar outros países e estados a cavalo com intuito de promover a integração e a difusão cultural do RS. (Até a confecção deste fascículo, as cavalgadas do grupo foram: Paraguai (90), La Plata (91), Chile (93), Bolívia (94), Argentina/Uruguai/Brasil (95), Paraguai/Argentina/Missões (97) e Bahia (2000).

**1991** - Lança o LP *Diário de Porto Alegre*, pela Discotteca, cuja capa, homenageando o primeiro jornal da capital, recebeu o prêmio de melhor capa da Revista Nativa. Novos conjuntos de baile começam a gravar suas músicas em profusão.

**1992** - Como já estava tornando-se tradicional nos festivais, é premiado com Canção Mais Popular da Califórnia de Uruguaiana, com *Eu sou do Sul*. Vence a Tafona de Osório com *A Lenda do Boto*. Compõe o Hino de Palmares do Sul (escolhida por concurso).

**1993** - Premiado com Canção Mais Popular e segundo lugar na Sapecada da Canção de Lages e Primeiro Festival Gauchesco de Santa Catarina com a música *Perdido num Baile de Fronteira*, parceria com Luiz Carlos Borges.

**1994** - Lança o CD *Cavaleiros da Paz*, pela ACIT. Vence o II Festival de Música Regional de Esteio.



Com os Cavaleiros da Paz na V Cavalcada Litoral Norte, RS.

**1995** - Vence duplamente a Tafona de Osório, ficando em primeiro lugar com *Coberta D'Alma* (parceria com Ivan Terra) e em segundo com *O Dia em que Proibiram o Chamamé*. Vence o III Canto da Lagoa de Encantado com *Tema Enredo para uma Escola Rural*, em parceria com Apparfício Silva Rillo.

**1996** - Grava o CD *Bando de Loco* pela ACIT. Vence a linha de Manifestação Livre da Califórnia da Canção com *Sorte, Amor*. Participa da delegação de músicos porto-alegrenses que representam o RS no Projeto Cantamérica em Buenos Aires.



**1997** - Lança o CD *Planeta Gaúcho*, pela USA Discos. Vence o Festival Ronco do Bugio de São Francisco de Paula, com *Bugio do Adeus*, em parceria com A.S.Rillo.

**1998** - Saem três CDs pela USA Discos: *Acervo Musical* (coletânea), *Sucessos de Ouro* e *Ao vivo em Vacaria* (gravado durante o Rodeio Internacional daquela cidade). Candidato não eleito a deputado estadual. Um movimento intitulado "Tchê Music", congregando vários conjuntos jovens de música gauchesca, ganha força momentânea no cenário nacional e causa intensa polêmica no Rio Grande do Sul. Boa parte do repertório destes conjuntos era composto por músicas de Elton, e alguns dos seus integrantes viam no compositor um inspirador pela característica bailável de suas canções. Participa do Projeto Porto Alegre em Montevideo (SMC/POA), junto com vários músicos da capital gaúcha.

**1999** - Lança dois discos alusivos à Semana da Pátria, ambos em parceria com João Sampaio (pela USA Discos): *Epopeia Farrroupilha* e *Semana Farrroupilha*.

**2000** - Recebe o Troféu Guri, da Rede Gaúcha/SAT, na Expoiner de Esteio. Lança o primeiro DVD do RS e terceiro do Brasil: *Eu Sou do Sul*. Chega ao final deste ano contabilizando mais de 900 músicas gravadas por vários intérpretes, principalmente conjuntos de baile. É um dos maiores arrecadadores de direitos autorais do Rio Grande do Sul.

**2001** - Lança o CD *Amor Campeiro*, pela USA Discos. Ingressa na Faculdade de Jornalismo da ULBRA, onde assume o Diretório Acadêmico da Comunicação.

## Depoimentos

*"Debater ideologia é ótimo, porque um homem sem ideologia está perdido no tempo e no espaço, mas enquanto dois compositores nativistas discutem ideologia num bar, existe um conjuntinho de baile ralando na estrada. O 'festivaleiro' só tem duas preocupações: a ajuda de custo e encontrar uma temática diferenciada para ganhar um prêmio."*

*"Os festivais foram uma revolução cultural. Até então nós só conhecíamos a música funcional e folclórica; precisava mesmo ter uma discussão ampla sobre a música contemporânea, porque estavam se repetindo fórmulas criadas por Pedro Raymundo ou Gildo de Freitas, por exemplo. Enquanto isso, o pessoal tinha que se evadir daqui e tentar MPB. Quando surgiu o movimento nativista moderno, começou-se a usar harmonias mais complexas vindas da bossa-nova e do samba-canção, poesias requintadas de gente como Luiz Coronel e outros rigorosos em pesquisas como Silva Rillo e Sergio Napp. Esses artistas trouxeram uma revisão do cancionário popular gaúcho que foi ótima, mas, por outro lado, tornou a coisa um pouco elitista. Todo mundo aderiu, porque realmente era uma música nova para o RS, que trazia elementos modernos de composição e estabeleceram-se novos conceitos até de indumentária, com cabeludos tomando chimarrão e usando bombacha. Só que agora, decorridos trinta anos, nós perdemos no meio do caminho a chance de fazer a revolução da revolução. Continuamos discutindo isso e esquecemos que o público também queria coisas mais animadas e bailantes e quem fez isso foram os conjuntos de baile."*

*Grupos de ponta, como 'Os Serranos' ou 'Os Monarcas', passaram a usar guitarras, teclados e baterias, misturando a antiga escola dos 'Bertussi', José Mendes e Teixeira, com a linguagem que vinha dos festivais. Mais recentemente veio a gurizada dos 'Tchê', que aprenderam tudo isso nos bares da noite, não se acomodaram e foram para a estrada com seus ônibus velhos. Daí é que a revolução da revolução não aconteceu dentro do nativismo e sim nos bailes. O nativismo ficou sizado e envelheceu. Os caras engrossaram a voz e tiveram que começar a explicar os shows antes de tocar, quando a gente sabe que música precisa se comunicar mundialmente, sem depender de explicações teóricas para quem está escutando."*

*"Quando as músicas faziam sucesso popular nos festivais, eram rejeitadas pelos organizadores, pelo júri e pelos críticos. Se surgiam músicas de sucesso popular, como Não Podemos se Entregá pros Home ou Viva a Bombacha eram rechaçadas e taxadas de 'apelativas'. Só queriam músicas intimistas, reservadas, e até um pou-*



co tristes, com temáticas fortes e trágicas. Isso aí não sobrevive hoje. Os conjuntos de baile botaram o astral para cima, trouxeram coisas alegres e de fácil assimilação. Daí começaram a comprar bons ônibus e equipamentos. Quando fiz Castelhana, ela nem passou na pré-seleção de um festival. Daí foi gravada por 'Os Nativos' e enriqueceu o conjunto (e muita gente), hoje é meu carro chefe em arrecadação. Aí comecei a reavaliar a minha carreira. Saí dessa discussão de boteco, onde tem muita conversa e pouco evento. Até então eu nem gostava dos conjuntos de baile, mas comecei a me dar conta de que eles eram muito organizados e profissionais."

" Nos anos 90, criaram o Troféu Vitória. Foi um equívoco. Davam 2 mil dólares para quem ganhasse mais festivais no ano. Daí comecei a ser discriminado. Tornei-me perigoso por causa daquela ninharia que era muito disputada. Meus próprios amigos começaram a me eliminar já na pré-seleção, porque sabiam que, entrando, eu criaria um elo com o público e teria de ser premiado. Por isso deixei de participar de festivais."

" Quando veio o Plano Collor e se criou aquela enorme crise financeira, as gravadoras deixaram de lançar discos. Os conjuntos continuaram, porque tinham sua reserva de mercado nos bailes. Aí entendi que precisava dar músicas para eles. Decidi que iria ajudar a estourar uns dez deles, criando meu próprio mercado. Em dois anos, estourei perto de vinte músicas nos discos deles. Então veio a chance que eu esperava: gravei o disco Cavaleiros da Paz com a seleção daquele repertório e furei a barreira. Fiz o contrário do normal. Os compositores costumam dificultar as gravações de suas próprias músicas por terceiros, cobram taxas e exigem coisas, eu não. Qualquer um pode gravar de graça as minhas músicas, o meu lucro vem depois. Não quero nem saber quem vai gravar, se vai ser com orquestra ou batendo numa lata. Faço cinquenta músicas por mês e entrego para quem quiser. Com isso, disseminei mais de 900 músicas. Fazer música, para mim, é a coisa mais natural do mundo. É muito fácil mesmo. A minha saúde física e mental depende de estar compondo diariamente. Nem me preocupo se é bom ou ruim, apenas faço e pronto."

" Festivais como a Califórnia não souberam entender que tudo o que se faz aqui é música gaúcha. Desde o samba de Pelotas, o maçambique de Osório até o rock de Porto Alegre são manifestações do nosso povo que precisam ser compreendidas. Chamar a música de festivais de 'verdadeira música nativista' é uma mera convenção para criar reserva de mercado."

" Pra mim, tocar num bolicho de campanha ou num teatro de São Paulo é a mesma coisa. Procuo ser até meio inseqüente nisso para poder me comunicar naturalmente com o público. Música é música em qualquer lugar."

" Em São Paulo estão sempre procurando novidades. Seja o que for, desde o Tiririca até música erudita, mas nunca investiram no sul. Primeiro, porque é muito difícil lidar com a gauchada, que não se deixa manipular facilmente. Depois, também, a nossa cultura foi se disseminando no Brasil pelas periferias, com colonos no Mato Grosso e etc. Só que com isso se estabeleceram CTGs em todo o país, surgiram churrascarias em toda parte (espeto corrido é sucesso mundial) e até o futebol ajudou, com as vitórias do Inter nos anos 70 e do Grêmio até hoje. Isso acabou gerando um mercado nacional que ainda não foi devidamente explorado e só não foi oficializado, porque ainda não despertou a indústria fonográfica."

" Apesar da tentativa mal sucedida com a 'Tchê Music', eles ainda estão tentando entender melhor as nossas coisas para poder usar. Agora, em São Paulo, existem redutos onde a gente já entra com certa facilidade. Eles se enganaram com a 'Tchê Music', porque quiseram dar o mesmo tratamento de marketing que deram pra lambada e pro axé. Agora estão se dando conta que a nossa cultura é muito mais forte que isso."

Acho que a visão cultural do país está amadurecendo e a própria Rede Globo está entendendo que não pode fazer 'O Tempo e o Vento' e botar uma trilha sonora do Tom Jobim que, por melhor que seja, está desconectada da realidade do pampa."

" Nós só estamos à margem do Brasil por uma questão geográfica. Enquanto o Brasil é tropical, nós temos uma cultura do frio. Se não formos bater lá e mostrar que temos coisas boas, fica difícil, porque tem gente lá com o mesmo interesse."

" Nunca vi tanta gente preparada aqui no RS como agora e, ao mesmo tempo, há interesse nos grandes centros não só em música. O rodeio gaúcho ganha importância no Brasil, e no Paraná, chega a botar 30 mil pessoas. Só falta agora o Rio e SP, porque já chegamos em Sta. Catarina, Paraná e Mato Grosso, e isso é uma área maior do que muitos países do mundo. Isso não quer dizer que vá mudar grande coisa, mas se a gente trabalhar pesado, vamos conseguir abrir o mercado nacional e viver da nossa música."





# Entrando no M'bororé

Elton Saldanha e João Sampaio

1 Lá vem o Vítor solito / Entrando num M'bororé / O cuzco brasino ao tranco / Na sombra do pangaré

2 Chapéu grande lenço negro / Jeitão calmo de quem chega / Na tarde em tom de aquarela / Lembra um quadro

3 do berega / O flete troteando alerta / Bufa e se nega pros lado / E uma perdiz se degola / No último fio do alambrado

4 Rapeia na cruz da estrada / E o seu olhar se enfumaça / Saca o sombreiro em silêncio / Por respeito à sua raça

5 Lá vem o Rio Grande a cavalo / Entrando no M'bororé / Lá vem o Rio Grande a cavalo / Que bonito que ele é

6 Lá vem o Rio Grande a cavalo / Entrando no M'bororé / Lá vem o Rio Grande a cavalo / Que bonito que ele é

7 Procura a volta do pingo / E alça o corpo sem receio / Enquanto uma borboleta senta na perna do freio

8 Inté interte um cristão que se cruza campo afora / Mirar a garça mateira no seu pala cor de aurora

9 Pois lá no rancho de leiva que ele ergueu com seu suor / Fica um sonho por metade de quem vive sem amor

10 Num suave bater de asas cruza um bando sem alarde / As garças e o Vítor somem lá nas lonjuras da tarde

11 Lá vem o Rio Grande a cavalo / Entrando no M'bororé / Lá vem o Rio Grande a cavalo / Que bonito que ele é...

Lá vem o Vítor solito /Entrando num M'bororé /O cuzco brasino ao tranco /Na sombra do pangaré

Chapéu grande lenço negro /Jeitão calmo de quem chega /Na tarde em tom de aquarela /Lembra um quadro do berega /O flete troteando alerta /Bufa e se nega pros lado /E uma perdiz se degola /No último fio do alambrado Rapeia na cruz da estrada /E o seu olhar se enfumaça /Saca o sombreiro em silêncio /Por respeito à sua raça Lá vem o Rio Grande a cavalo /Entrando no M'bororé

Lá vem o Rio Grande a cavalo /Que bonito que ele é /Lá vem o Rio Grande a cavalo /Entrando no M'bororé Lá vem o Rio Grande a cavalo /Que bonito que ele é

Procura a volta do pingo /E alça o corpo sem receio /Enquanto uma borboleta senta na perna do freio Inté interte um cristão que se cruza campo afora /Mirar a garça mateira no seu pala cor de aurora Pois lá no rancho de leiva que ele ergueu com seu suor /Fica um sonho por metade de quem vive sem amor Num suave bater de asas cruza um bando sem alarde /As garças e o Vítor somem lá nas lonjuras da tarde

Lá vem o Rio Grande a cavalo /Entrando no M'bororé /Lá vem o Rio Grande a cavalo /Que bonito que ele é...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



## Bailanta do Tio Flor

Vanerão

Elton Saldanha

*SOL.M* *DIM* *SOL.M*

ESTR.: VA-MOS EM - BO-DA VER UM - DE CHO-RAG CAN-TOR. O PÉ ME - URA-TA NA BAI-LAN-TA

*DIM* *LA-DIM* *DIM* *SOL.M* *DIM*

DO TIO FLOR. VA-MOS EM - I. MI-RO NOS - PE-LHO LÁ DA CA - CIM-BA. FIR-MO CA-

*M.M* *LA.M* *SOL.M* *SOL.M* **REPETE ESTRIBILHO**

DE - LO NA BAI-LAN-TI - NA. VOU ME BEN-ZER NA A'-GUA BEA-TA DA CAN-TI - NA.

*DIM* *SOL.M* *DIM* *M.M*

2. BOM-BA-CHA NO-VA, PAR DE BU-TA DE PE - LI - CA. TO-MO-NA PU-RA SÓ SÓ VOU VER LO-MÊ QUE

*LA.M* *SOL.M* *DIM* **REPETE ESTRIBILHO** *DIM* *SOL.M*

FI - CA. SOU CAN-TA - DOR DE FLOR, QUE NÃO SE A - CA - CA. 3. OU-LO DE LUN-GE

*DIM* *M.M* *LA.M* *SOL.M*

UM SA-PU - CAI. SÃO OS TAI - FEI-ROS DAS BAR-RAN-CAS DOU-RU GUAI BA-GA-TA VE LHA

*DIM* **REPETE ESTRIBILHO** *DIM* *FIM* *FIM* *FIM* *FIM*

NÃO FAZ QUE NÃO MAS NÃO VAI. DE TE LAM - CI-NA NA-NÉ - LÉ O - LHA FÉ

*DIM* *DIM* *FIM* *FIM* *DIM* *DIM* *FIM* *SOL.M*

3. O DE-SEM - PE-ANO NA FOL - LA DE DE-LÁ - CANG. QUIS-TE FOL - SEAR, COM A CA-LINA

*DIM* **REPETE ESTRIBILHO**

DA PA - TRÃO.

## Zé Caradípia



**Z**é Caradípia, vejam só, quase virou Zé Nandes. Mas resistiu, apesar do canto de sereia de uma grande gravadora que acabou não lançando seu disco solo. O sucesso nacional de *Asa Morena* não lhe subiu à cabeça e Zé Caradípia seguiu fiel a sua proposta inicial, que sempre foi a de fazer uma música de qualidade. De origem humilde, cresceu ouvindo músicas de bailes, hinos religiosos e canções regionalistas. Depois, conheceu a Jovem Guarda, misturou todas as influências e encontrou uma turma que "tinha a ver" nas "Rodas de Som" do Teatro de Arena.

O encontro com os músicos urbanos de Porto Alegre e o convívio com o grupo "Quintal de Clorofila", de Santa Maria, representaram um divisor de águas na carreira do artista na sua relação (e composição) de uma música de alto nível. É dessa época a bela canção *Asa Morena*, gravada por Zizi Possi e que foi uma das músicas mais executadas nas rádios brasileiras no início dos anos 80. Apesar de ter ficado conhecido nacionalmente por esta composição, Zé Caradípia não é um autor de uma música só. Várias de suas canções foram gravadas por intérpretes do Rio Grande do Sul e, além disso, ele é um bom cantor que coloca uma sensibilidade natural em tudo o que compõe e interpreta. Como todo artista de qualidade, Zé Caradípia tem dificuldade para encontrar seu espaço no mercado, para vender seu produto e ser ouvido por muita gente. Como ele mesmo destaca em seu depoimento, é preciso existir motivo para fazer um disco. E Caradípia se recusa a produzir qualquer coisa apenas para faturar um pouco mais.



## Cronologia Biográfica: José Luiz Fernandes Zé Caradípia

**1956** - Nasce em Canoas (RS), a 19 de fevereiro, em uma família muito musical. Filho de Maria Joana dos Reis Fernandes e Jorvino Fernandes.

O pai, operário, tocava violão com conjuntos de bailes em fins de semana; os tios tocavam músicas regionalistas ao violão e acordeão, e a família praticava cânticos religiosos adventistas; a casa "era uma cantoria".



Com irmãos João, (com Eliane no colo),  
Maria de Lourdes à esquerda e Zé à direita.

**1964** - Ingressa no curso primário do Colégio Estadual Jasmélio Jardim.

**1969** - Com o falecimento do pai, a família muda-se para Viamão onde prossegue os estudos no ginásio do Colégio Farroupilha.

**1970** - O tio materno Adão começa a ensinar-lhe os primeiros acordes ao violão, basicamente Roberto Carlos

e a Jovem Guarda. Começa a compor as primeiras canções e levar o violão para o colégio, onde animava as rodas com os colegas.

**1972** - Ingressa no conjunto de baile "Love Songs" de Viamão, executando guitarra e voz.

**1975** - Participa das "Rodas de Som", no Teatro de Arena (POA), promovidas por Carlinhos Hartlieb; por esta ocasião, adota o pseudônimo "Zé Caradípia", num trocadilho com a alcunha "Cara de Piá", com que vinha sendo chamado.

Participa de festivais estudantis com Henrique Mann, Atamar Cabreira e Jota Pires, integrando o "Grupo Pedacos".



**1976** - Através do violonista e compositor Heleno Jimenes, entra no circuito de festivais do interior do RS. Ingressa no "Grupo Cordas e Rimas", com o qual grava o LP coletânea *Som Grande do Sul*, pela gravadora Continental, que só seria lançado em 1978.

**1977** - Ingressa no "Grupo Tempero", viajando pelo interior do RS em vários shows.

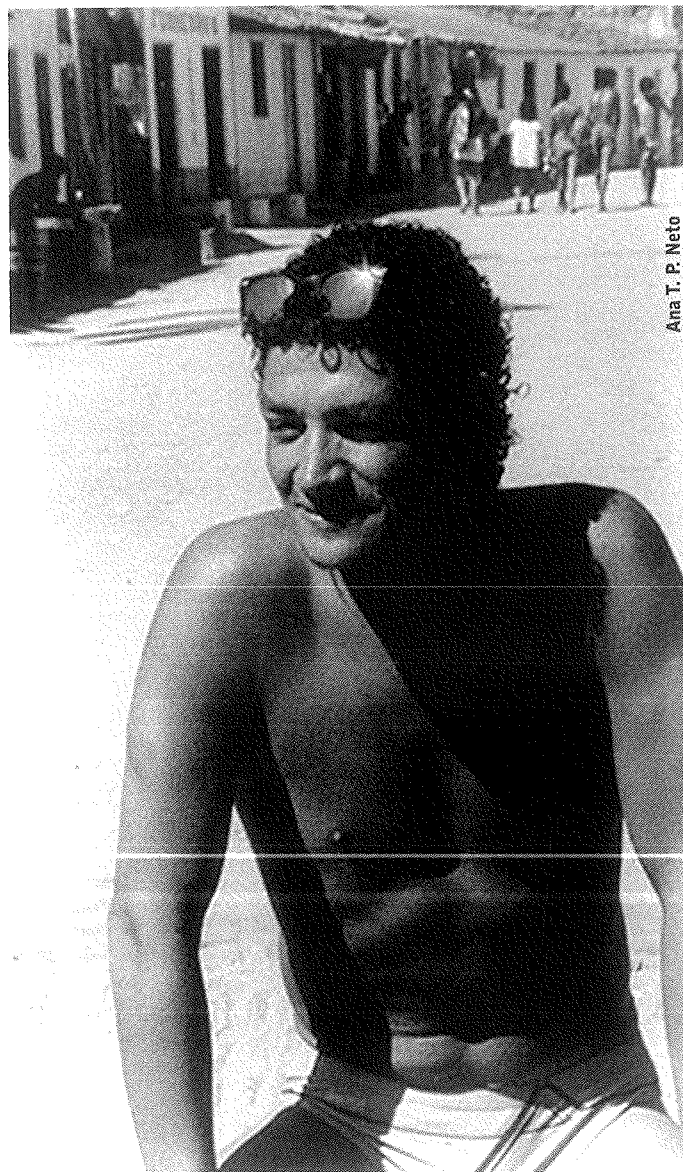
**1978** - Sai o disco *Som Grande do Sul*. Conhece o músico João Palmeiro que lhe traz um refinamento maior com relação à maneira de compor.

**1979/80** - Intensifica os shows pelo interior através da União Gaúcha de Estudantes, tocando nos eventos por ela promovidos. Compõe o hino da UGES. Conhece em Santa Maria (RS) o duo "Quintal de Clorofila" formado pelos irmãos Negendre e Dimitri Arbo. Desse encontro, surgem grandes transformações na sonoridade das composições de Zé.

Compõe, em setembro de 80, a célebre *Asa Morena*. Ao participar de festival em Torres (RS), a direção da Polygram o encontra dando "uma canja" em uma churrasceria. É contratado pela gravadora para um disco solo que acaba não acontecendo.

**1982** - Ao estabelecer o contato com a Polygram no ano anterior, deixa editadas várias de suas composições. A cantora Zizi Possi entra em contato com este material e escolhe *Asa Morena* para nominar seu disco.

O LP vende, no ano de seu lançamento, mais de 300



Na Bahia, em 1986.

mil cópias e a canção faz sucesso, tanto no Brasil, quanto na Europa, EUA e Japão.

**1983** - A cantora Loma grava suas canções *Planta Incolor* e *Maré de Novembro*.

**1984** - Compõe *Diamante*, com Sérgio Silva, que integra a coletânea *Música Popular Gaúcha*, lançada em 1985 pela RBS Discos. Participa do show coletivo "Corações Daqui", ao lado de Totonho Villeroy, Gelson Oliveira, Nando D'Ávila e outros nomes locais no Teatro São Pedro.

**1985** - Monta o espetáculo "Astoporonte Afinal". Segue em show por Florianópolis, Rio de Janeiro e Recife, tocando com Galileu Arruda e o "Quintal de Clorofila".



Capa do CD "Onda Forte", 1996.

O "Grupo Canto Livre" grava *Diamante* em seu LP *Comunicação*, pela RBS Discos.

1986 - Realiza o show "Porto Crescente" em várias casas noturnas de Porto Alegre e participa do show "Compositores & Intérpretes" que reuniu oito grandes músicos no Teatro Renascença.

1987 - Realiza vários shows, entre eles o Projeto Palco Ipiranga, no Teatro da OSPA, seguindo depois para temporada em casas noturnas do Rio de Janeiro.

1988 - Executa o show "Escambau" no Teatro Bar Porto de Elis.

1989 - Apresenta-se na Sala Álvaro Moreira com Galileu Arruda, seguindo-se apresentações deste espetáculo por diversas casas noturnas.

1991 - Monta o "Zetema Trio" (com Texo Cabral e Marcelo Lehmann), executando com esta formação mais de quarenta apresentações pelo interior do estado.

Retorna com o espetáculo para a Sala Álvaro Moreira (POA). Vence a XV Vindima da Canção de Flores da Cunha com *Canção do Lado Emocionado*.

1992 - Apontado pelo jornal Zero Hora como um dos três melhores cantores da temporada.

Interpreta a vencedora da Moenda da Canção, *Ferido Coração da América*, de Luís e Sérgio Rojjas.

1994 - Nasce a filha Elisa.

1995 - Faz o show de abertura do projeto do Instituto Estadual de Música, "Música no Arena" (Teatro de Arena - Porto Alegre).

1996 - Lança o CD independente *Onda Forte*, indicado ao Prêmio Açorianos nas categorias Disco MPB e Compositor.

1998 - Lança o espetáculo "Retina D'Alma", realizando dez apresentações.

2000 - Grava *Retina D'Alma* em espetáculo ao vivo no Teatro Renascença (POA).

*Asa Morena* é escolhida pela Rede Globo entre as 100 músicas brasileiras mais populares do século XX.

2001 - Lança seu segundo CD *Retina D'Alma*, de forma independente.

Participa do espetáculo "OSPA Interpreta Lupicínio Rodrigues" com *Esses Moços, Pobres Moços e Apreço* (canção inédita de Lupi em parceria com Rubens Santos), que em breve será lançado em CD.

Participa da nova versão do disco *Paralelo 30*, gravado com a "Orquestra da Unisinos", sob a direção do maestro José Pedro Boésio. O CD foi lançado com espetáculo no Teatro da Reitoria da UFRGS, em novembro. Zé Caradípia entra na versão atualizada, substituindo ao falecido músico Nando D'Avila integrante do disco original, gravado em 1978.



Com a mulher Rosane e a filha Elisa.

## Depoimentos

" Em 1980, eu fazia uma música muito sofisticada, tinha um jeito diferente; o convívio com o 'Quintal de Clo-rofila' me levou a uma composição rica em harmonias, e a gravadora queria que eu me pautasse por aquelas musiquinhas bregas que vendiam na época."

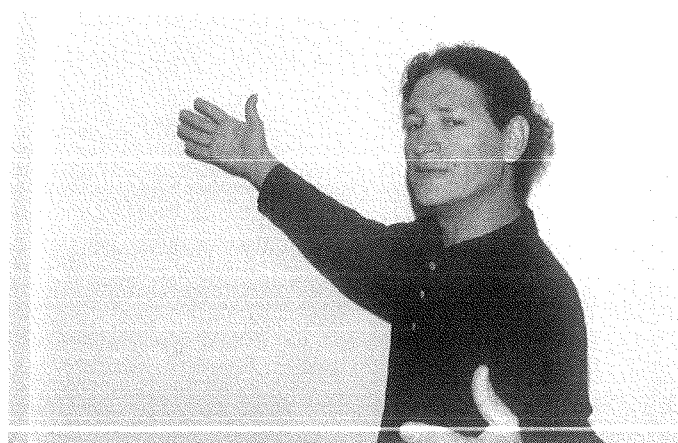
Queriam trocar até o meu nome para 'Zé Nandes'; aí eu não aceitei e eles me acharam petulante ou arrogante, sei lá, e acabaram não lançando o disco para o qual me haviam contratado e até pago um adiantamento. Dois anos depois, a Zizi ouviu através deles a Asa Morena que acabou se tornando o maior sucesso da carreira dela (e da minha)."

" O Brasil teve um período, ali nos final dos anos 80, que foi completamente estapafúrdio; em todo o lugar, tocava exatamente o oposto do que eu gostaria de ouvir no rádio."

" Fui rotulado como um 'cara difícil' pelas gravadoras, não só pela minha postura pessoal, mas também pelo tipo de música que eu queria fazer. Com esses caras é assim, eles te rotulam, botam um 'X' em cima e te esquecem."

" Por outro lado, também eu não queria insistir tanto nisso, ter que levar uma vida no Rio ou São Paulo. Tem esse lado humano de querer ficar perto dos amigos, da família, enfim, onde a gente se sente em casa. A gente vive melhor aqui no RS. Já o convívio com as ratazanas, com aquele meio que é um verdadeiro covil, é uma coisa muito difícil para mim."

" O arrocho econômico tem sido terrível nos últimos anos; as pessoas não têm dinheiro para comer, morar ou vestir decentemente, muito menos para colocar os filhos em boas escolas; então o que se vê é isso, um mercado cultural muito pobre e com um nível de exigência muito baixo, e querer competir com boa música nisso aí, é muito difícil. Tem que ter tesão musical para lutar contra isso tudo, e não é fácil ter tesão. Não é saudosismo, mas é fácil ver que as coisas desandaram por demais. Não se trata de resgatar a música do passado, mas de resgatar o charme do passado, onde se faziam as coisas bem feitas, com capricho. Claro que o artista pode procurar nichos do mercado onde ele se sinta em condições de fazer sua arte, mas que faça bem feito (pelo menos)."





" Não tem meio termo: eu sou artista ou não. E ser artista é uma coisa que não depende de mercado. O fazer artístico tornou-se uma coisa muito mercadológica, até sem glamour por causa disso. Com as facilidades de se gravar disco hoje em dia, há uma oferta demasiada e muita coisa ruim também. Tem que haver um porquê para se fazer um disco, tem que haver uma razão artística que não seja só uma bobagem daquelas 'que o povo gosta' (como eles dizem). Tem gente que faz, eu não consigo."

" O sucesso de Asa Morena não mudou em nada a minha maneira de ser; eu só fui amadurecendo desde então. Sempre acreditei que poderia ter sucesso em música, mas os percalços normais da vida também agem sobre isso; tive fases em que fiquei down e outras de euforia, como todo mundo. Mas isso de passar pela casca grossa e adentrar ao sucesso depende de uma série de coisas; é, como dizia o grande Sérgio Metz: 'preciso botar abaixo as portas podres...ódio ao novo, ódio ao velho, ódio a tudo!'."







# Asa Morena

Zé Caradípia

1 ME FAZ PE QUE NA A SA MO RE NA.

3 ME A LJ VIA A DOR. A LJ VI AN DO.

6 A DOR QUE MA TA. ME FAZ SER TEU A MOR.

9 ME TO MA NO CRES CER ME DE UM BEI JO MUI TO

12 LOU CO ME IM FLO DIN DOAGS FGU.

14 COS NOI NI VER SGA DES VEN DAR A VAS TI DAO DO TEU A MOR

17 ME TO MA SEM PEN SAR. NUM GES TO MUI TO FOR

19 TE U NIN DOO SUL LO NOR

21 TE DO MEU COR PO, FRÁ GIL COR PO NA MAIS PU RA E MO

23 CÃO

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



# Diamante

Música: Zé Caradípia  
Letra: Sergio Silva

1 *E7+* *A♭/E♭* *C#m7* *B9/6*  
 Oa ra co mo to da pou ex men to Quo pra sou remi pó de

3 *A7+* *Bsus* *Bm7* *Bb7* *A7+* *B/A*  
 van to Que so proi do teu o har Hin car quad em an ga de tra

6 *G#m7* *C#7* *F#13* *D7+* *Bsus*  
 i da Que fia gra que a cre de tu Quo na vi dá e só hin car

9 *E7+* *A♭/E♭* *C#m7* *B9/6*  
 Sem pre quan do só o da pra se te Te per ce boa trese ex

11 *A7+* *Bsus* *Bm7* *Bb7*  
 te ha Co lo ni da cin u lar ti

13 *A7+* *B/A* *G#m7* *C#7*  
 vá o na tem por xa to. dou se sou do. Pra vi ver em cu do

15 *F#13* *D7+* *Bsus*  
 man do. Que fia lar por tal can est

17 *E7+* *A♭/E♭* *C#m7* *B9/6*  
 Cre io. que man di a infa ds tan te Teu o har de do a

19 *A7+* *Bsus* *Bm7* *Bb7* *A7+* *B/A*  
 mo te. Me con vi do. jes pou sur E se tri. tes pár es. so ca

22 *G#m7* *Cm7* *F#13*  
 ti vo Teu ex ta de. de us pi ni to Teu mo b vo. de.

24 *D7+* *Bsus* *E7+* *A♭/E♭* *C#m7* *B9/6*  
 bi har. Mas se que so tes e. dir das gra. Po dec u sar de. len

27 *A7+* *Bsus* *Bm7* *Bb7* *A7+* *B/A*  
 hin ca. E se am po der vol tar E. mar ino se ta de. to dou

30 *G#m7* *C#7* *F#13* *D7+* *Bsus*  
 si tu Pa loce pa go. da cer ti ta. Ain da por so tra vi tar

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



## Índice

## Motivo das Capas

<b>1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *</b>	.....	- Chão de Tijolo
<b>2- Os Bertussi/Paulo Ruschel</b>	.....	- Chão de Taquaral
<b>3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes</b>	.....	- Erva Mate
<b>4- Túlio Piva/Luiz Menezes</b>	.....	- Tampo de Violão
<b>5- Gildo de Freitas/Teixeirinha</b>	.....	- Bombacha e Laço de Couro
<b>6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes</b>	.....	- Crina de Cavalo
<b>7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja</b>	.....	- Assoalho de Salão de Baile
<b>8- Os Poetas (especial) **</b>	.....	- Céu de Porto Alegre no Verão
<b>9- Os Fagundes (especial) **</b>	.....	- Fogo de Chão
<b>10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")</b>	.....	- Parede de Costaneira
<b>11- Geraldo Flach/Bedu</b>	.....	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
<b>12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **</b>	.....	- Guitarra Elétrica
<b>13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino</b>	.....	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
<b>14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim</b>	.....	- Escultura Natural em Madeira
<b>15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges</b>	.....	- Moirão com Arame
<b>16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará</b>	.....	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
<b>17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro</b>	.....	- Margem do Rio Guaíba (POA)
<b>18- Almôndegas/Kleiton &amp; Kledir (especial) **</b>	.....	- Cuias
<b>19- Plauto Cruz/Fogaça</b>	.....	- Areia de Beira de Rio
<b>20- Noel Guarany/Cenair Maicá</b>	.....	- Parede de Taipá
<b>21- Bebeto Alves/Vitor Ramil</b>	.....	- Campo
<b>22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira</b>	.....	- Semáforo
<b>23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto</b>	.....	- Boleadeiras
<b>24- Elton Saldanha/Zé Caradípia</b>	.....	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
<b>25- Humberto Gessinger/Júlio Reny</b>	.....	- Interior de Aparelho Valvulado
<b>26- Tangos &amp; Tragédias/Tambo do Bando</b>	.....	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
<b>27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy</b>	.....	- Detalhe de Grafite
<b>28- Nenhum de Nós/Papas da Língua</b>	.....	- Conexão de Rede Elétrica
<b>29- A Novíssima Geração (especial) **</b>	.....	- Sinalização de Asfalto
<b>30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***</b>	.....	- Gaita

\* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

\*\* Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

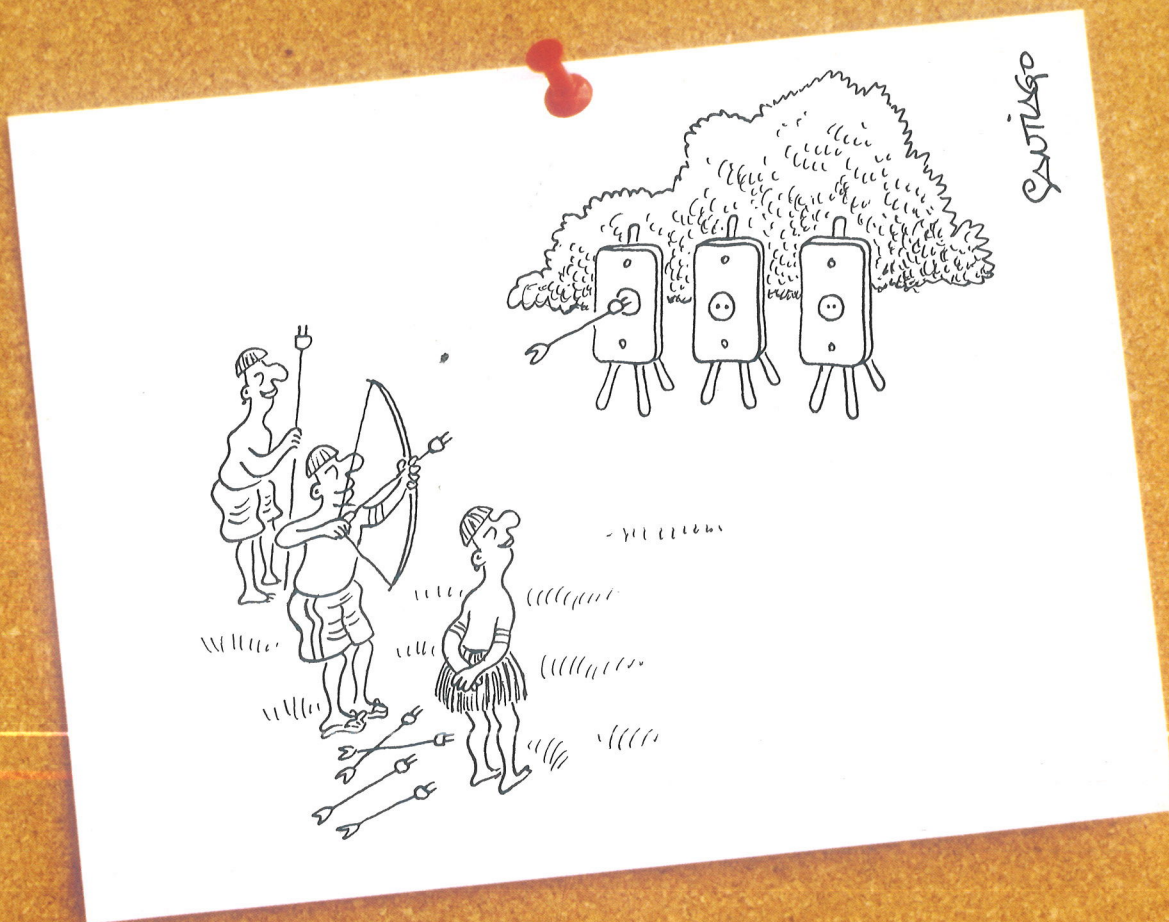
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

\*\*\* O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



## Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

**LIC**  
Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
Estado do Rio Grande do Sul



**CEEE**  
[www.cee.com.br](http://www.cee.com.br)



**GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Estado da Participação Popular  
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações  
Secretaria de Estado da Cultura